



Roteiros

9. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

DE NOVO OS NACIONALISMOS

por **ADRIANO MOREIRA**

NESTA acelerada evolução e redefinição da estrutura do império russo, ao qual aconteceu estar submetido a um regime soviético que não abandonou nenhum interesse ou projecto nacional herdados do passado, o nacionalismo aparece como um motor importante de mudança. Um fenómeno que os nominalistas são levados a transformar na prova de uma lei histórica permanente, a qual teria continuado a agir não obstante a cortina imposta por uma engenharia social de comunicação dominada pelo Estado totalitário.

Aquilo que aparece mais abonado pelos factos deste meio século de paz pelo medo recíproco, é que o conceito nacional esteve sempre em exercício, mas que o conteúdo e significado variam de acordo com o tempo e, sobretudo, com as circunstâncias políticas de cada área estratégica.

Na Europa, que foi a criadora dessa realidade cultural que é a Nação, esta apenas apareceu reconhecida como a base desejável do Estado nos 14 pontos de Wilson, e foi um instrumento de destruição dos impérios vencidos na guerra de 1914-1918. A aplicação deste princípio esteve sempre limitado pela regra maquiavélica da viabilidade independente em face da conjuntura, e nesta foi sempre factor dominante a balança de poderes.

Por isso os Estados nacionais não foram o modelo de toda a Europa, e, no mundo, são uma minoria quantitativamente pouco numerosa. Isto torna ainda mais valioso, pela rari-

dade, o modelo do Estado nacional reconhecido como a mais perfeita resposta política às necessidades e objectivos das comunidades.

As derrotas da última guerra, a destruição dos aparelhos estaduais, a incapacidade de assegurar as funções para as quais o Estado foi inventado, tudo acrescido pela interdependência crescente dos povos e pela unidade estrutural do mundo, levou ao aparecimento de uma forma política de viver que são os grandes espaços.

Aparecem com a natureza militar (NATO), ou política (Conselho da Europa) ou económico-político (CEE), em todos implicando uma redefinição das soberanias e das competências dos Estados, impondo a criação de um aparelho burocrático progressivamente racionalizado e centralizado, e uma nova harmonização dos nacionalismos europeus, os quais historicamente não obedeceram a uma uniforme moldura: o nacionalismo humanista não se compaginou com o nacionalismo racista, assim como o nacionalismo imperial agrediu os nacionalismos culturais e sem projecto de expansão política.

Aquilo que parece é que, neste ocidente, não é o valor da nação que está em causa, não é a identidade nacional que se contesta — é sim a harmonização do quadro histórico das funções num modelo geral de cooperação. O que não pode conseguir-se, como os factos vão demonstrando, sem redefinir o conteúdo das soberanias. A NATO, de facto, e a CEE de direito, fazem a prova do real.

(Continua na página seguinte)

Nas áreas descolonizadas depois da guerra, o nacionalismo também foi invocado. Mas não parece muito discutível que o conceito nominal não corresponde em conteúdo, ao valor da nacionalidade que muitos dos líderes revolucionários aprenderam nas universidades europeias. Nas terras e povos que conduziram para as independências possíveis, o valor cultural produzido pela história não corresponde em nenhum aspecto à comunidade nacional que é uma construção específica dos ocidentais.

Isto não significa que as comunidades criadas e específicas da sua área cultural não tenham a dignidade que impõe, em face de uma filosofia de valores, o respeito pela sua identidade. Mas o nacionalismo invocado é, por imposição dos factos, um projecto nacional, isto é, um objectivo político que se traduz em fazer convergir para uma realidade nacional os grupos étnico-linguísticos situados dentro da mesma fronteira que o colonizador legou, de acordo com princípios jurídicos e políticos ocidentais.

O nacionalismo invocado como arma contra o colonialismo que atingia por igual os grupos étnico-culturais situados dentro das fronteiras, é um projecto que depois, na execução, muitas vezes usa a violência até armada contra a identidade dos mesmos grupos. Deixa de ser libertador, é esmagador das personalidades e identidade colectivas.

Na evolução do império soviético, o nacionalismo tem uma face que vai ao encontro de um projecto de natureza imperial. É o caso dos muçulmanos que, até ao fim do século, poderão decidir a maioria das etnias dominadas pelos russos imperiais.

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral

N.º de Registo 112 874

● Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-geral do IDJC)

● Redacção

Sede do Instituto
R. da Madalena, 225 - 3.º Dto.
1100 LISBOA
Telef. 86 01 25

● Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

● Difusão

Pedidos à Redacção

Comp. e Imp. na Minigráfica - Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 346 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

O fundamentalismo do Irão não deixou, e não deixará, de levantar a bandeira da unidade religiosa, para chamar a uma nova construção política as populações que se agitam contra o domínio secular russo. O nacionalismo não tem, para além do nominalismo, o mesmo sentido e conteúdo que se encontra nos antigos Estados bálticos, a Estónia, a Letónia e a Lituânia, ou entre os Arménios, herdeiros da tradição do primeiro Estado cristão do mundo.

Nem qualquer destes nacionalismos, que apenas convergem no conceito nominal, concorda com aquele que no Oriente parece já fazer acordar recordações de uma passada zona de co-prosperidade da Ásia, e que reclama a oportunidade de meditar sobre a distância entre a capacidade económica e tecnológica alcançada e a incapacidade militar imposta.

Não parece útil para a paz do mundo que a cenografia do Estado Espectáculo, em exercício por tão várias áreas geográficas e culturais, possa uniformemente erguer a bandeira do nacionalismo nacional, conseguindo esconder a pluralidade de conteúdos, de projectos, e de procedimentos. A salvaguarda da Nação, como valor específico da cultura ocidental, obrigada a enfrentar redefinições políticas para resguardo da sua essência, não é compatível com a engenharia semântica.

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e da adolescência. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosa e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma relação esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

LISBOA - Av. Infante Santo, 25-12.º Dto. - Telef. 67 67 24 - Telex 11737 Gertal P Lisboa - 1000 Lisboa
PORTO - Rua Campo Santo, 246 - Telef. 67 99 00 - Telex 23426 Gertal P Porto - 4100 Porto

UMA JUSTA HOMENAGEM



A dois de Março, o Reverendo Padre Doutor Joaquim António de Aguiar, foi alvo da expressiva homenagem na Sociedade de Geografia, por coincidência uma instituição que muito honra os portugueses, pelo muito que simboliza,

Presidiu o Chefe de Estado, e estavam presentes o Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação e Cultura, o Presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, o Presidente da Sociedade de Geografia, o Cardeal Patriarca de Lisboa, o Nuncio Apostólico, o Superior da Congregação da Província Portuguesa dos Missionários do Coração de Maria, professores universitários, académicos, alunos e amigos.

O Padre Aguiar é distinguido como sacerdote, votando-se por inteiro à Igreja e à sua Ordem a quem serve abnegadamente.

É homenageado como fundador e director do Colégio Pio XII que amparou e preparou várias gerações de estudantes universitários.

É louvado como humanista, medievalista e impulsor da cultura portuguesa em várias instituições, designadamente nas universidades em que é docente.

Ao enaltecer-se as suas virtudes sacerdotais e intelectuais é lida pelo Superior da sua Ordem, a Carta de sua Eminência o Senhor Cardeal William Bauer, Prefeito da Congregação da Formação Católica, aquando do seu quinquagésimo aniversário de docência.



Como director do Colégio Pio XII, fundador e orientador dos Estudos Europeus Universitários, encontros a que o Colégio procede anualmente, desde 1964, é-lhe entregue a medalha Jean Monnet, pelo Presidente da Sociedade de Geografia e atribuída pela Comissão das Comunidades Europeias.

Como humanista e medievalista é oficialmente recebido na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, ocupando a cadeira vaga por morte do insigne prelado e mestre D. Manuel Trindade Salgueiro.

No momento próprio o Presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Professor Adriano Moreira, fez o elogio do novo académico, e após ter recebido das mãos do Chefe de Estado o diploma e colar de membro da Academia, o Padre Joaquim António de Aguiar proferiu um elocuente elogio histórico do seu antecessor, D. Manuel Trindade Salgueiro.

Como que a culminar estes três actos de excepcional relevância cultural, é condecorado com a comenda de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública, com que o Chefe de Estado o agraciou.

O Instituto D. João de Castro, honra-se com o seu Presidente da Direcção, e um dos seus fundadores e felicita-o muito vivamente.

DESCOBRIMENTOS E EVANGELIZAÇÃO

TEM sido publicadas várias notícias relativas às Comemorações dos Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas promovidas pela Conferência Nacional do Episcopado, e que tiveram o seu início no dia 25 de Novembro, com uma peregrinação a pé, de jovens, partindo da Sé de Lisboa, às 16.30 horas, para chegar a Belém pelas 20 horas, passando por lugares históricos ligados aos Descobrimentos, seguindo-se depois uma vigília na Capela de S. Jerónimo.

No dia 26, realizou-se no templo dos Jerónimos solene pontifical, presidido pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, com participação de clero e de fiéis, que enchiam o recinto sagrado construído por D. Manuel I, para comemorar a chegada dos Portugueses à Índia.

O Santo Padre quis unir-se ao solene acto, estando presente pela sua palavra, enaltecendo a obra realizada pelos Portugueses na evangelização das terras por eles descobertas, ficando duplamente ligadas à Igreja e ao Estado Português, ou melhor diremos, à Coroa e à Igreja, com laços de natureza diferente.

A nossa Conferência Episcopal vai promover, no decorrer destes dez anos, uma série de acções comemorativas, dentro do contexto das Comemorações do V Centenário dos Descobrimentos Portugueses.

O princípio que vai orientar estas Comemorações foi anunciado pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, no dia 4 de Abril, em Fátima, ao comunicar o projecto das Comemorações: «Recordar o passado, celebrar o presente e preparar o futuro.»

Será de esperar que estas celebrações constituam um momento oportuno para todos nós, Portugueses, nos unirmos ainda mais, em relação a um passado que foi um dos factores mais importantes na construção do espírito nacional e que foi decisivo na criação de um conjunto de valores que caracterizam o nosso povo em relação a outros povos europeus, e muito especialmente o seu espírito de universalidade, e de profundo respeito pelo homem, onde descobriu a sua vocação para a felicidade eterna.

Foi ainda por esta visão transcendente do homem, que o Português, sendo cristão, procurou levar a luz do Evangelho aos homens com que se encontrou no seu peregrinar, procurando também fazê-los participantes desses bens espirituais e transcendentais, através do conhecimento da mensagem evangélica, que para ele tinha um sentido universal. Fazer cristandade foi missão assumida, não apenas pelos nossos missionários, mas também por aqueles que desempenhavam missão de governação em nome da Coroa.

Vai, pois, o nosso Episcopado promover, certamente a nível das nossas dioceses, paróquias e outras instituições da Igreja, programas alusivos à nossa «História de Evangelizar tantos povos e em lugares tão diversos».

Mas a Igreja actual em Portugal não pode olhar apenas para o passado, deve também analisar o presente e olhar para o futuro desses povos que foram evangelizados

por nós, Portugueses. A Igreja de hoje sente uma responsabilidade muito grande em relação ao futuro cristão de alguns desses povos, e muito especialmente os cinco Estados africanos que ascenderam à maioria política em 1975, e que até essa data faziam parte integrante do Estado Português. A responsabilidade é dupla: é enquanto Igreja e é enquanto «Comunidade Histórica» que tem «memória» do passado e sente responsabilidade em relação ao futuro dessas Comunidades Humanas, que o destino histórico, que é dizer a Divina Providência, fez que nos encontrássemos no tempo para fazermos a «peregrinação do futuro».

A Igreja «portuguesa» de hoje sente a obrigação da «Cooperação» no espiritual, que o Estado sente no temporal.

Esperamos que as instituições da Igreja saibam responder ao Projecto da Conferência Episcopal e ultrapassar algumas dificuldades que de princípio se apresentam.

Lisboa, 8 de Dezembro — Festa da Padroeira

Pe. Joaquim António de Aguiar



AGP
viagens

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Telef. 553858 - 560382 — Telex 42754 Acptur P

FILIAL:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 691342 - 691359 — Telex 64888 Acpamo P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378



**O atendimento
mais acolhedor
o serviço mais eficiente**

A MEMÓRIA DO CORAÇÃO

Portugal, no século XX, desempenhou um papel central na espiritualidade cristã. De facto, daqui partiram três iniciativas fundamentais, a saber: a consagração do Mundo ao Coração de Maria; a consagração do Mundo ao Coração de Jesus; e o pedido de consagração da Rússia ao Coração de Maria. A promotora da primeira acção foi a jovem Alexandrina de Balasar, que autoridades insuspeitas qualificaram como uma das maiores místicas do nosso século, e a solicitadora da última é a carmelita Lúcia, que em Tuy recebeu essa incumbência do Alto. A Consagração ao Coração de Jesus, feita pelo grande Papa Leão XIII, que a qualificou como o acto mais grandioso do seu Pontificado e justificada teologicamente na Encíclica Annum Sacrum, deve-se exclusivamente à mística alemã Maria Droste zu Vischering, que foi Superiora da Casa do Bom Pastor, no Porto, onde escutou os apelos do Senhor àquela acção transcendente.

Maria Droste amou Portugal e o Porto de uma forma indescritível, a ponto de se consumir e imolar na sua Casa da Arca de Água, desenvolvida e custeada por ela para socorrer as raparigas desamparadas e criar um foco de amor a Deus, que irradiasse fortemente para toda a sociedade civil, tão degradada nesse tempo. Em 1894 é já Superiora da Casa do Porto e tem consciência que o País vive momentos terríveis de desagregação, que se reflectem na sua própria Casa, então na periferia da cidade. O seu trabalho persistente e dotes de grande organizadora levam, por entre sacrifícios, à transformação daquele local num centro de espiritualidade e de acção benfeytor, que concitou a admiração e apreço de toda a sociedade portuense, das camadas sociais mais pobres e humildes às abastadas e nobilitadas. A Casa expandiu-se, e naquela antiga quinta doada ao Padre Rua, fundador da Casa primitiva, cresceram edifícios harmoniosos, que bem testemunhavam o impulso da Irmã Maria. Nessa Casa que fez crescer, manifestou-se o poder do Coração de Cristo que lhe confiou os Seus segredos e lhe solicitou diligências que haveriam de ter eco no coração do Papa, ou seja, na Igreja Universal. Nessa Casa sofreu, amou e morreu, sendo enterrada em Paranhos (1899). A abertura do seu caixão, realizada em 1944, revelou um corpo intacto. Em 1975, o Papa Paulo VI declarava Maria do Divino Coração, Superiora do Convento do Bom Pastor do Porto, Beata.

Que sucedeu, entretanto, à sua Casa, frequentada pelo Rei do Mundo? Imune à acção confiscadora da República jacobina de 1910, por ser propriedade alemã (por causa das dívidas, seu pai comprou a propriedade), não escapou ao confisco, no contexto da Primeira Grande Guerra. Aí se instalou um quatriel, como era da praxe maçónica, mas mesmo assim preservou-se o quarto onde sofreu e morreu tão extraordinária religiosa, quarto que eu próprio visitei algumas vezes, numa homenagem a tudo o que representava aquele lugar, tanto para a Pátria como para o próprio Porto.

Portugal, que tantos santos teve, é também ingrato ao extremo, esquecendo-os depressa e rapidamente. O quarto da Irmã do Bom Pastor, que se consumiu em Portugal e representa um ponto alto na História Transcendente, é tudo quanto resta da epopeia espiritual da enérgica superiora alemã naquela quinta. Numa acção a todos os títulos justa e necessária, as autoridades militares, que detêm o terreno e os edifícios, acabam de recuepar o quarto e numa cerimónia pública homenagear aquela mulher impar. O quarto ficará aberto aos visitantes sedentos de espírito e espera-se que as irmãs do Bom Pastor possam ainda desfrutar de algum espaço mais para difundir a espiritualidade que a Beata Maria reflectiu.

Se assim for, este sinal que nos vem do Porto é gratificante e positivo. É que os povos sem memória transformam-se em fantasmas. De facto, se Fátima é a memória das peregrinações medievais, um Altar do Mundo, o modesto quarto é uma memória do Coração Cósmico de Jesus, um Santuário Mundial.

ANTONIO M. BESSA



CAVES DA

Montanha

A. HENRIQUES, L^{da}

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Teleg.: Montanha

Telex: 52260 e 52611

Telex: 53081

Apertado: 18

3781 ANADIA CODEX



«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES

7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO |

CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO |

CONCURSO DE BRASÍLIA (1971) = 1 MEDALHA «OR» |

CONCURSO de Brasília (1975) = 1 MEDALHA «GRAND OR» |

CONCURSO DE MILÃO (1976) = 2 MEDALHAS DE OURO |



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos
Brandies - Aperitivos - Vinhos de Mesa

Colóquio de Salamanca: O DESAFIO DAS DESCOBERTAS

Na sala de actos da Pontifícia Universidade de Salamanca decorreu no dia 30 de Novembro de 1989 um colóquio promovido pelo Instituto D. João de Castro, em que foi viva a troca de impressões sobre os Descobrimentos dos povos peninsulares.

Os estudantes de português e outros interessados, onde se destacavam professores daquela prestigiada instituição, escutaram quatro comunicações sobre a matéria. O Padre Dr. António de Aguiar apresentou uma notícia sobre três figuras portuguesas das descobertas; o Dr. Marques Bessa esboçou uma panorâmica do significado técnico e cultural da empresa dos descobrimentos para Portugal e os portugueses; o Dr. Santiago Castillo, da Universidade à Distância, de Madrid, apresentou uma comunicação sobre a colaboração dos dois Estados Peninsulares nas navegações, e um grupo de professores da Universidade de Salamanca (D. Luís Arias, D. Agustín Vivas, D. Higinio Martín e

D.ª Azucena Paniagua) fez a exegese de um texto que noticia os conflitos desencadeados na viagem de Cristóvão Colombo, que como se sabe foi um navegador português. O debate foi animado com viva participação do Leitorado de Português daquela Universidade, dirigido pelo Dr. Abílio Costa com muita eficácia, e o acto colheu tanta aprovação que o Instituto foi assediado para realizar novos colóquios. Os portugueses visitaram depois os claustros da Universidade, onde estudaram humanistas distintos do século XVI, como o Dr. Garcia de Orta.

A conclusão principal daquela sessão foi a de que os povos peninsulares devem, ao reviver aqueles momentos históricos, que nos revelam o espírito de aventura e desafio dos nossos antepassados, olhar para o futuro com confiança, prenhes dos mesmos sentimentos e certezas que nos ajudaram a vencer.

J. N.

OS VENTOS DO LESTE

A viragem política que se operou no Leste foi vertiginosa, pela impressionante velocidade de mudança e consequente movimentação de massas populacionais: trata-se de uma verdadeira nova ordem mundial.

Suponho que algumas ilações se podem extrair deste facto histórico, talvez o mais impressionante deste século, sem aludir às duas grandes guerras mundiais.

A primeira é que o comunismo chegou ao fim dos seus dias, iniciou a sua agonia, desfaz-se o mito que lançou povos para a mais degradante miséria material e moral e para a mais utópica escravidão. «A vergonha do nosso século» — assim o qualificou o cardeal Ratzinger, em 6 de Agosto de 1984. (Documento da Congregação para a Doutrina da Fé, «Introdução sob Alguns Aspectos da Teologia da Libertação»).

A segunda reside na eclosão de movimentos de cariz nacionalista e de cariz religioso, fruto do descontentamento acumulado durante séculos, agora bem nítido nestes reflexos de liberdade. O que vem demonstrar que há valores porque inerentes às pessoas e povos, valores espirituais e morais, os valores pátrios, e sociais como a família, integrantes do direito natural, que o tempo e muito menos a política não destroem.

A terceira reside na habilidade do senhor Gorbatchev, na firmeza de Reagan, na força espiritual de João Paulo II.

Acrescentaria uma última que talvez devesse constar como primeira: refiro-me à intervenção de Fátima. Nossa Senhora em Outubro de 1917 diz que «Portugal manterá sempre o dogma da Fé», e acrescenta «A Rússia há-de converter-se».

É nesse espírito que Pio XII se dirige a Portugal em várias mensagens radiofónicas e o nosso País recebe honrosamente os Papas Paulo VI e João Paulo II.

«NAÇÃO FIDELÍSSIMA», na feliz expressão de

Pio XII, também pelo muito que contribuiu para a Humanidade, ao longo da sua existência.

Inesperadamente, parece ter caído a Cortina de Ferro e o Muro de Berlim ultrapassado.

Em termos de equilíbrio europeu, com certeza algo irá modificar-se, muito especialmente com a unificação alemã.

Por outro lado, reforça-se a ideia de de Gaulle: «A EUROPA DAS PÁTRIAS». Não vejo muito bem como será possível conciliar esta velha ideia com aquela outra «Casa Comum Europeia», o que suporá um direito supra nacional. Mas o futuro nos esclarecerá.

António Maria M. Pinheiro Torres

PLAM TERRENO OU QUINTA

Compro qualquer área

**Preferência nos concelhos
de Lisboa, Oeiras e Cascais**

**Agradeço resposta
detalhada, com área, localização e preço, a**

PLAM

Largo 25 de Abril, 4-B — ALFRAGIDE
2700 AMADORA

Movimento de Sócios

Dr. Alberto Janeiro
Av.ª da República, 15 - 1.º
1000 Lisboa Telef. 56 08 94

Dr. Manuel Rosado Coutinho
Rua de Aveiro, 125
4900 Viana do Castelo Telef. 2 24 27 ou 2 23 19

Carlos Eduardo Antunes de Menezes Pitta
Largo Prof. Pulido Valente, 10 - 17.º C
2795 Linda-a-Velha Telef. 54 09 53

Dr. Gaspar Moreira Cardoso da Costa
Rua Dr. António Granjo, 11 - 4.º Esq.º
1000 Lisboa Telef. 726 32 92

Luís Forjaz Trigueiros
Rua da Imprensa à Estrela, 19 - 1.º
1200 Lisboa Telef. 66 67 56

Dr. João de Matos Ferreira Romãozinho
Av.ª General Humberto Delgado, 89 - 1.º
6000 Castelo Branco Telef. 072 - 2 46 71

Dr. António Francisco B. Modesto
Apartado 70
7001 Évora Telef. 2 29 54

Julieta Dias Ruivo Ferreira Romãozinho
Av.ª General Humberto Delgado, 77 - 1.º Dt.º
600 Castelo Branco Telef. 072 - 2 46 71

Dr. Luís Carlos Sampayo
Av.ª Visconde Valmor, 7 - r/c. Esq.º
1000 Lisboa Telef. 77 43 24

Dr. Carlos Alberto Pereira da Rosa
Praceta da Mimosa, 7, r/c.
S. Pedro do Estoril Telef. 268 70 78

Ana Maria S. Bandeira Carvalho Coutinho Lencastre
Av.ª Infante Santo, 40 - 8.º
1300 Lisboa Telef. 60 88 35

Dr. Katia Abrantes Miranda
Av.ª João XXI, 66 - 3.º Esq.º
1000 Lisboa Telef. 76 36 87

Dr.ª Maria José Avilez Nogueira Pinto
Campo Grande, 398 - 1.º
1700 Lisboa Telef. 759 16 16

Dr. Luís Gameiro
Rua S. Miguel das Encostas, Lote 50 - c/v.
Sãosócios — 2775 Parede Telef. 452 21 48

Dr. José Luís Pereira Seixas
Av.ª Sá Carneiro, 3 - 1.º
5300 Bragança Telef. 073 - 2 32 48

Dr. Sousa e Melo
Av.ª Conselheiro Fernando de Sousa, 27 - 15.º Piso
1000 Lisboa Telef. 68 24 60

Dr. José Augusto Ventura Duarte da Fonseca
Ante
3050 Mealhada Telef. 2 92 41



HOTEL ROMA

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs (049) 52215/52225 — Telex 43279

HOTEL

DIRECTOR

Vasco Filipe Perfeito *Regina*



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FÁTIMA (Portugal)

— Três Figuras —

símbolos dos Descobrimentos Portugueses a lembrar

Com o intuito de trazer a lume, sempre mais, a grande empresa dos Descobrimentos, realizou a Direcção do Instituto D. João de Castro um colóquio — debate sobre três eminentes navegadores Portugueses:

Gil Eanes, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama;

O programa teve o cariz de padrão; foram colocados em estudo os empreendimentos dos Portugueses como grandes interventores na profunda mudança científica e conceptual em meados do 2.º milénio da era Cristã.

O colóquio-debate realizou-se com jovens estudantes universitários e numa casa à juventude destinada: O Centro de Apoio à Juventude João Paulo II, em Lisboa.

Três estudantes trataram os seguintes temas:

- Gil Eanes e o Cabo Bojador (1434).
- Bartolomeu Dias e o Cabo das Tormentas (1487-88).
- Vasco da Gama — Moçambique — Melinde — Calicut (1497-98).

Foram assim expostos pontos fundamentais no avanço pelos oceanos Atlântico e Índico em três reinados diferentes: Gil Eanes no reinado de D. Duarte, Bartolomeu Dias no reinado de D. João II e Vasco da Gama no de D. Manuel I.

Sobre Gil Eanes foi descrita a sua figura de marinheiro entusiasta, que animado pelo Infante D. Henrique passa a Sul do Cabo Bojador, abrindo ao esplendor do conhecimento o «mar tenebroso» e fazendo cair a ameaçadora esfinge do «fim do mundo» dos fabulosos relatos de textos medievais.

Em 1434 passa o Cabo Bojador e, assim, abre o caminho à riqueza do ouro de África. Em 1440 o ouro chega a Portugal e pela mesma época as primeiras mercadorias europeias, transportadas por mar, chegam a África, levadas pelas Caravelas Portuguesas.

Quando o Infante, notabilíssima figura, parte para a eternidade (1460), já os Portugueses tinham um entreposto comercial ao Sul do Cabo Bojador, denominado Feitoria de Arguim.

Bartolomeu Dias foi exposto como o navegador de «Esperança».

Esperança pelo desejo em continuar a viagem ao encontro da Índia; Esperança pelos conhecimentos que trouxe ao seu Rei; Esperança que fez D. João II acreditar na possibilidade efectiva de chegar à Índia, pois Bartolomeu Dias tinha percorrido toda a orla marítima ocidental do Continente Africano e verificado que tinha passado para Oriente, dado que a costa se orientava noutra direcção, o que dava prova clara, de estar a navegar em direc-

ção ao Oriente; era e finalmente! — a abertura de todas as possibilidades de dominar o comércio das vastas regiões do Oriente.

Reuniu todos os conhecimentos necessários para ir à Índia através do Atlântico Sul.

Vasco da Gama foi apresentado como o feliz navegador que colheu os maiores «louros».

Após 80 anos da primeira descoberta no Atlântico — as ilhas do Porto Santo e da Madeira — eis finalmente, os Portugueses, tal como Moisés na «terra prometida»: a Índia.

Vasco da Gama em 1497 partiu da então, já e ainda capital de um Império — Lisboa.

Fez-se aos oceanos com uma armada de quatro naus e chega a Calicut em 1498. Era o culminar de cerca de um século de trabalho com um contributo para a Humanidade ainda não ombreado no campo mais vasto das variadíssimas relações que o Homem pode e sabe estabelecer.

Cem anos em busca de riqueza e glória cujo manto, ainda hoje, cobre os Portugueses.

A descoberta, etapa por etapa, do caminho marítimo para a Índia é considerada um dos maiores feitos da História Universal e constitui hoje, a quinhentos anos de distância, um feito com as maiores consequências a nível mundial.

O jovem estudante cita, degrau a degrau, as etapas da viagem. O seu texto, trás-nos à inteligência, a imagem perceptível de que Vasco da Gama levava já o seu livro elaborado e que em cada etapa passa mais uma folha; na nossa mente revela-se o sulcar dos mares pelas caravelas, num mar tão arduamente e sabiamente aberto, até que chega a 20 de Maio de 1498 a Calicut.

Após o debate foi-nos dado assistir, em sistema vídeo, a um diaporama com reproduções do Códice Casanatense (séc. XVI) com citações e música adequadas aos locais dos diferentes povos que nós, os Portugueses, fomos descobrindo.

A 2.ª parte do programa revelou, também, elevado nível cultural. Tivemos ocasião de ouvir o coro da Universidade Internacional, facto que vem reforçar o relevo deste colóquio-debate, dado no mesmo dia termos em presença cultural duas Universidades: a Universidade Autónoma de Lisboa e a Universidade Internacional.

Temos, assim, que sintetizar que num só dia foi dado saber cem anos de descobrimentos e ouvir peças musicais dos séculos XV-XVIII.

Não quero terminar este resumo sem convidar o leitor a tomar conhecimento sobre o grande mérito do Povo Português no mundo descrito já em algumas edições publicadas pelo Instituto.

Lopes Batalha